

*Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal - Nota dos Coordenadores Científicos*

A exposição *Ídolos. Miradas Milenarias/Ídolos. Olhares Milenares* foi o maior evento cultural realizado em parceria entre Espanha e Portugal durante a pandemia de COVID-19. Para atingir este objectivo, reuniram-se apoios administrativos e institucionais das autoridades políticas dos dois países e das redes científicas que integramos, que se apoiam também em redes interpessoais.

Conjugar expectativas, fomentar os desejos de projeção de um património único que partilhamos, é a mais inteligente das estratégias para uma divulgação de alto nível, em que foi possível juntar a beleza de excepcionais bens culturais – as pequenas figurinhas de corpos humanos que acompanharam a vida e a morte dos habitantes da Ibéria desde 5.600 a 2.200, antes da nossa Era – com um esforço concertado para aumentar e divulgar o seu conhecimento científico. Nunca como agora se havia reunido quase trezentos artefactos elaborados em pedra, argila, marfim e, inclusive, ouro, procedentes de quase 30 Museus de Espanha e Portugal. Nunca anteriormente arqueólogos de distintas partes da Europa tinham partilhado reflexões sobre o valor social das figuras humanas em todo o território europeu, suas funcionalidades, cronologias e especializações identitárias. Um volume em língua espanhola, o livro editado pela Imprensa Nacional em língua portuguesa e os dois volumes que compõem o monográfico *Mobile images of ancestral bodies: a millennium-long perspective from Iberia to Europe*, editado em inglês pela revista Zona Arqueológica do Museu Arqueológico Regional de Madrid, constituem um dos esforços mais notáveis para projetar o património arqueológico da Pré-história recente na Península Ibérica.

Apresentada no Museu Arqueológico de Alicante, no Museu Arqueológico de Madrid e no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, a exposição teve como um dos seus objetivos a publicação de um Guia em cada Museu e um volume com o estado do conhecimento sobre estas figurinhas que constituem um legado excepcional do Neolítico e Calcolítico na Europa. Em Portugal, a Imprensa Nacional publicou um magnífico catálogo que permite acompanhar a apresentação da exposição que ocorreu em Lisboa desde Abril a Outubro de 2021.

A exposição encerra pois em Lisboa com a publicação de um livro único e espetacular na forma e no conteúdo. 357 páginas de excelente qualidade gráfica que refletem o compromisso dos investigadores portugueses, o seu intenso trabalho e os resultados atingidos que, em conjunto com os coordenadores científicos, materializam o papel da Arqueologia portuguesa como referência iniludível do esplendor do megalitismo e do conjunto de produtos culturais e sociais dos grupos humanos que erigiram estes monumentos constituídos por grandes pedras.

O estudo de coleções contou com a participação de investigadoras e investigadores, em paridade, e do mesmo modo a Direção dos Museus. Esta forma de trabalhar partiu da convicção de todas as equipas que colaboraram nesta grande iniciativa cultural e científica. A ciência deve ser um reflexo da sociedade que a produz e é para nós uma satisfação ter alcançando uma representação justa e fraterna que afirma a Ciência, como o conjunto da sociedade, que se funda em todas as pessoas que nela trabalharam, cada um na sua área, e que conjuntamente são indispensáveis para a realização de uma exposição com esta importância.

O livro *Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal* reúne todos esses valores. Os Coordenadores Científicos do volume partem do princípio de que um conhecimento livre é um conhecimento diverso, que deixa a porta aberta a múltiplas versões historiográficas e metodológicas para interpretar um aspeto essencial das origens das sociedades do passado

como é a reinterpretação dos nossos próprios corpos. A codificação que revelam estas figurinhas, a variedade de fórmulas identitárias, o amplo espectro cronológico, o seu florescimento associado às grandes arquiteturas megalíticas e todas as suas expressões culturais constituem facetas complexas em si mesmas. Esta riqueza não tem comparação no contexto do megalitismo europeu, tornando a Ibéria singular e propondo um ponto de partida inovador quando observado em conjunto. O papel do atual território português na gestão de conectividades nas manifestações do mundo dos mortos e na organização da vida quotidiana, tem sido sempre uma referência para o estudo do megalitismo ibérico, e agora uma convincente série de evidências científicas que situam o sudoeste ibérico como um das áreas mais dinâmicas em toda a Europa entre o IV e III milénio, precisamente o momento de maior expansão das figurinhas que constituem o objeto desta exposição.

O guia da exposição de Lisboa e o volume *Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal*, reúnem e representam o conhecimento que se manterá para o futuro, prova deste grande esforço. O papel protagonista da Imprensa Nacional trouxe a qualidade e a solidez editorial, como demonstra a sua ampla experiência na edição relacionada com o Património Cultural e os Museus em Portugal. São muitas as pessoas que colaboraram para que este volume fosse editado atempadamente, tanto da Imprensa Nacional, graças à decisão do Diretor Duarte Azinheira, como no Museu Nacional de Arqueologia, onde o seu Diretor, António Carvalho, foi o motor e o garante permanente do êxito deste trabalho coletivo.

*Ídolos Miradas Milenarias/Ídolos. Olhares Milenares* é um olhar para o passado que se converteu num relance para um presente que se apresenta incerto e para um futuro que nos parece melhor por termos sido capazes de chegar até aqui. Abrir novos caminhos para a investigação, enaltecendo o nosso património e divulgá-lo ao público tem sido uma honra e um privilégio por podermos partilhá-lo colaborativamente com mais de 200 profissionais da Cultura.

Os Comissários Científicos da Exposição, autores dos Guias e Catálogos de Alicante, Madrid e Lisboa e editores e coordenadores científicos dos três volumes publicados, com o apoio generoso de quase 70 colegas de distintas Universidades e instituições europeias, só podem expressar um agradecimento infinito e uma felicitação a cada uma das pessoas que trabalharam duramente para chegar até aqui e às nossas autoridades políticas, por haverem reunido vontades e apoios económicos. Igualmente o nosso agradecimento é devido a cada cidadã e cidadão que se emocionou com estes pequenos corpos cujos olhos nos trazem a força visual de um passado que nos orgulhamos de partilhar.

Madrid-Alicante, 30 de Outubro de 2021.

Os Comissários Científicos

Primitiva Bueno Ramírez e Jorge A. Soler Díaz

# ídolos



OLHARES MILENARES  
O ESTADO DA ARTE EM PORTUGAL





# ÍDOLÖS



OLHARES MILENARES  
O ESTADO DA ARTE EM PORTUGAL

PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ y JORGE A. SOLER DÍAZ

Coordenadores científicos

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L



**ORGANIZAÇÃO**

Museu Nacional de Arqueologia, Direção-Geral do Património Cultural (MNA/DGPC)  
Diputación Provincial de Alicante. Área de Cultura  
Fundación C.V. MARQ  
MARQ Museo Arqueológico Provincial de Alicante  
Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid (MAR)

**MECENAS**

Ferrovial Serviços, SA  
Fundação Millennium BCP  
El Corte Inglés  
Pastéis de Belém  
Vila Galé — Hotéis Vila Galé

**MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA,  
DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
(MNA/DGPC)**

**DIRETOR-GERAL DO PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Bernardo Alabaça

**DIRETOR DO MUSEU NACIONAL DE  
ARQUEOLOGIA**  
António Carvalho

**FUNDACIÓN C.V. MARQ — MUSEO  
ARQUEOLÓGICO PROVINCIAL DE  
ALICANTE**

**DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDACIÓN  
C.V. MARQ**  
Josep Albert Cortés i Garrido

**DIRETOR DO MARQ — MUSEO  
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE**  
Manuel H. Olcina Domènech

**DIRETOR DE EXPOSIÇÕES DA  
FUNDACIÓN C.V. MARQ**  
Jorge A. Soler Díaz

**CHEFE DA UNIDADE DE COLEÇÕES  
E EXCAVAÇÕES DO MARQ — MUSEO  
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE**  
Rafael Azuar Ruiz

**ARQUITETO COLABORADOR DA  
FUNDACIÓN C.V. MARQ**  
Rafael Pérez Jiménez

**SECRETÁRIO DA FUNDACIÓN C.V. MARQ**  
Francisco Ibanco Llorca

**DEPARTAMENTOS TÉCNICOS**  
Unidade de Exposições e Divulgação  
Unidade de Coleções e Escavações  
Unidade Administrativa e Económica  
Unidade de Didática, Acessibilidade e  
Responsabilidade Social

**MUSEO ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE  
LA COMUNIDAD DE MADRID (MAR)**

**DIRETOR**  
Enrique Baquedano

**CHEFE DO SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO E  
INVESTIGAÇÃO**  
Elena Carrión Santafé

**CHEFE DO SERVIÇO DE EXPOSIÇÕES**  
María Carrillo Tundidor

**CHEFE DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO**  
Luis Palop Fernández

**CHEFE DO SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO**  
José María Pérez Mármol

**EXPOSIÇÃO — PRODUÇÃO**

**COMISSÁRIOS CIENTÍFICOS**  
Primitiva Bueno Ramírez  
Jorge A. Soler Díaz

**PROJETO EXPOSITIVO**  
Rocamora Diseño y Arquitectura

**DESENHO GRÁFICO**  
Luis Sanz

**COORDENAÇÃO TÉCNICA. FUNDACIÓN  
C.V. MARQ — MUSEO ARQUEOLÓGICO  
DE ALICANTE**  
Maria Teresa Ximénez de Embún Sánchez

**COORDENAÇÃO TÉCNICA. MUSEU  
NACIONAL DE ARQUEOLOGIA**  
Patrícia Batista  
Raquel Lázaro

**TRANSPORTE DE BENS CULTURAIIS**  
Feirexpo, S. A.

**SEGURADORA**  
Lusitania Seguros, S. A. — Mecenas  
Institucional da Direção-Geral do Património  
Cultural

**ASSISTÊNCIA NA MONTAGEM**  
ANTRA Gestión Integral S.L  
J. C. Sampaio, L.<sup>da</sup>  
Feirexpo, S. A.

**APOIO TÉCNICO FUNDACIÓN C.V. MARQ**  
Ricardo Valer Gosálbez

**APOIO TÉCNICO**  
Ana Margarida Gata Simão (MNA/DGPC)  
Carlos Diniz (MNA/DGPC)  
Carlos Morgado (MNA/DGPC)  
Mário Antas (MNA/DGPC)  
João Pedro Silva (MNA/DGPC)  
João Nuno Reis (Divisão de Arquivo  
Inventariação e Bibliotecas/Departamento de  
Bens Culturais/DGPC)  
Luís Antunes (MNA/DGPC)  
Luísa Guerreiro (MNA/DGPC)  
Paulo Alves (MNA/DGPC)  
Salvador Batista (MNA/DGPC)  
William Pimenta (MNA/DGPC)

**TRADUÇÃO DE TEXTOS**  
Inpokulis Traduções

**REVISÃO DE TEXTOS**  
Ana Caessa (MNA/DGPC)  
Elena Moran

**PLANO DE COMUNICAÇÃO**  
Divisão de Comunicação e Informática (DGPC)  
Helena Martelo, António José Soares Cruz

## FOTOGRAFIAS

Arquivo de Documentação Fotográfica da Direção-Geral do Património Cultural (ADF/DGPC) — José Paulo Ruas, José Pessoa, José Rúbio. MNA/DGPC, António Ventura, Margarida Santos, Paulo Alves, Rita Matos, Daniel Oliveira, António Faustino Carvalho, Rui Luís, AESDA, Arqueohoje, Palimpsesto, Luís Bravo Pereira, Maria de Jesus Sanches, Joana C. Teixeira, Maria Helena Barbosa, João A. Perpétuo, VN3000, Mário Novais, Monteiro-Rodrigues, Marco Andrade, J. L. Cardoso, Era Arqueologia, R. Parreira, R. Soares, V. S. Gonçalves, António Valera, M. A. Blanco, R. de Balbín Behrmann, M. A. Cabrera, J. Coca, M. Díaz-Guardamino, N. Fakoorzadeh, A. Fernández, L. Lammerhuber, L. Larsen, A. Martínez Levas, C. Martín, M. A. Marín, D. Oliveira, I. Palaguta, P. Quesada, J. Quinnan, A. Ramos, M. Reina, E. Starkova, V. Schulmeister, F. Velasco, S. Vicente, M. Torquemada, Conjunto Arqueológico Dólmenes de Antequera, National Museum of Denmark e Paisajes Españoles, M. Soria, M. Sanchez, Salvador Delgado Aguilar, José Manuel Sala, Museo de Bellas Artes de Castellón, Museo de Prehistoria de Valencia, Museo de Málaga, Juan Pedro Bellón, Museo de Alcoy, Museo de Almería, Eva Rocamora, Susana Vicente Galende, Eloísa Waternberg, Josep Lluís Pascual, Francisco Blasco, Teresa Ximénez de Embún

## CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Margarida Santos (MNA/DGPC)  
Rita Matos (MNA/DGPC)

## AUDIOVISUAIS

Gustavo Vilchez  
Rocamora Diseño y Arquitectura

## ILUSTRAÇÕES

Miranda Dreams

## ENTIDADES EMPRESTADORAS PORTUGUESAS

Associação dos Arqueólogos Portugueses/  
Museu Arqueológico do Carmo  
Associação dos Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Câmara Municipal de Cascais/Museu da Vila  
Câmara Municipal de Portimão/Museu de Portimão  
Câmara Municipal de Torres Vedras/Museu Municipal Leonel Trindade  
Direção Regional de Cultura — Alentejo  
ERA — Arqueologia/Núcleo de Investigação Arqueológica  
Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG)/Museu Geológico  
Museu Nacional de Arqueologia  
Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Universidade de Lisboa  
UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

## ENTIDADES EMPRESTADORAS ESPANHOLAS

Museo Arqueológico Nacional  
Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid

Museo de Málaga  
Museo de Huelva  
Museo de Jaén  
Museo de La Carolina  
Museo de Almería  
Museo Arqueológico y Etnológico de Córdoba  
Museo Arqueológico Provincial de Badajoz  
José Iñesta (particular)  
Museo de Gavà  
Museo de Valladolid  
MARQ Museo Arqueológico de Alicante  
Museo «Camil Visedo Moltó» de Alcoy  
Museo de Prehistoria de Valencia  
Museo de Bellas Artes de Castellón  
Museo Arqueológico Municipal de Lorca

## AGRADECIMENTOS

Ana Isabel Palma Santos, Associação dos Arqueólogos Portugueses — Museu do Carmo (José Morais Arnaud, Célia Pereira, César Neves), Câmara Municipal de Alter do Chão (Francisco António Martins dos Reis), Câmara Municipal de Cascais (Carlos Carreiras, João Miguel Henriques, Susana Pombal), Câmara Municipal de Mora (Luís Simão), Câmara Municipal de Portimão (Isilda Gomes, Isabel Soares, António Pereira), Câmara Municipal de Torres Vedras (Carlos Manuel Antunes Bernardes, Isabel Luna, Francisca Ramos, Rui Silva) Companhia das Lezírias (António João Coelho de Sousa), Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (Susana Pombo), DGPC (Paula Mateus Azevedo, Susana Martins, Paula Figueiredo, José António Gonçalves), Direção Regional de Cultura-Alentejo (Ana Paula Amendoeira, Rafael Alfenim), ERA — Arqueologia/ Núcleo de Investigação Arqueológica (António Valera) Ferrovia S. A. (Tiago Borges, Carlos Marinho, Maria Grego), Fundação Millennium BCP (Embaixador António Monteiro, Fátima Dias), El Corte Inglés (Enrique Hidalgo Miralles), Imprensa Nacional (Duarte Azinheira), Lusitania Seguros, S. A. (Catarina Major, Tiago Serra), Câmara Municipal de Loulé (Vitor Aleixo, Dália Paulo, Ana Rosa Sousa), Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Joaquina Soares, Ana Férias), Museu Geológico — LNEG (Miguel Magalhães Ramalho, Rúben Dias, José Anacleto), Nuno Quelhas, Pastéis de Belém (Miguel Clarinha), Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Universidade de Lisboa (Marta C. Lourenço, Liliana Póvoas), UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Mariana Diniz), Vila Galé - Hotéis (Jorge Rebelo Almeida, Gonçalo Rebelo Almeida), Julia Elena Aguilera Collado, José Maria García Rincón, Maria Dolores Baena Alcántara, Vicente Barba Colmenero, Juan P. Bellón Ruiz, Núria Benavent Bataller, Fereidoun Biglari, Josep Bosch Argilagos, Carmen Cacho Quesada, Andrés Carretero Pérez, Felipa Díaz Fernández, María Jesús de Pedro Michó, Alexandra Encarnação, Juan Javier Enríquez Navascués, Inmaculada Escobar García, Carlos Ferrer García, Enric Flors Ureña, Eduardo Galán Domingo, Carlos García Sánchez, José María García Rincón, Beatriz Gavilán Ceballos, María Soledad Gil de los Reyes, Francisca Hornos Mata, Ian Hodder, Ángela Jiménez Belda, Anton Kern, Guillermo Kurtz Schaefer, Rosario León

Marín, Encarnación Maldonado Maldonado, Concepción Martín Morales, Julián Martínez García, Andrés Martínez Novillo, Alba Martínez Pérez, Andrés Martínez Rodríguez, Luis Pablo Martínez Sanmartín, María Ascensión Morente del Monte, María Jesús Moreno-Garrido, Raúl Moya Vidal, Luis Enrique Miquel Santed, Ferrán Olucha Montins, Arturo Oliver Foix, José Á. Palomares Samper, Diómedes Parra Rodríguez, Peter Pentz, María Isabel Pérez Bernáldez, Pablo Quesada Sanz, Miguel Ramalho, Manuel Ramos Lizana, Pedro Ramos Miguel, Bartolomé Ruiz González, Concepción San Martín Montilla, Jose María Segura Martí, Thomas Schuhmacher, Andrés Silva Cordero, Ana C. Sousa, Juan Manuel Vargas Jiménez y Eloísa Wattenberg García, Luis Palop Fernández, Juan Antonio López Padilla.

## CATÁLOGO

Coordenadores científicos  
Primitiva Bueno Ramírez  
Jorge A. Soler Díaz

## TEXTOS DE COLABORAÇÃO

Ángel Rocamora Ruiz, Ana Catarina Sousa, Andrea Martins, António Carlos Valera, António Faustino Carvalho, Catarina Costeira, César Neves, Elena Morán, Joana Castro Teixeira, João André Perpétuo, João Luís Cardoso, Jorge A. Soler Díaz, Jorge Oliveira, José Arnaud, Leonor Rocha, Marco António Andrade, Maria Helena Barbosa, Maria de Jesus Sanches, Mariana Diniz, Primitiva Bueno Ramírez, Rui Mataloto, Rui Parreira, Victor S. Gonçalves

## COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

António Carvalho  
Livia Cristina Coito

## PARCEIRO EDITORIAL

Imprensa Nacional (IN)

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

## PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM)

## DESENHO E MAQUETAGEM

### REVISÃO DE TEXTOS

Sofia Roborg-Sondergaard (GoodSpell)  
Livia Cristina Coito  
Luis Sanz

## DEPÓSITO LEGAL

485 656/21

978-972-27-2941-3 (INCM)

978-972-776-587-4 (DGPC)

EDIÇÃO N.º 1024787

Impresso em agosto de 2021

Todos os direitos reservados ao abrigo do código dos direitos de autor e direitos conexos.

## Nota:

*Os nomes de pessoas, as designações de instituições e os topónimos apresentam-se nesta edição na língua original.*

# ÍNDICE

- 25 Relatos de imagens solares na Pré-História recente do Ocidente ibérico. Reflexões a partir do projeto científico, expositivo e divulgativo «Ídolos. Olhares Milenares»  
**PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JORGE A. SOLER DÍAZ**
- 53 A figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico antigo, da Valada do Mato (Évora, Portugal), ou a importância do corpo humano  
**MARIANA DINIZ**
- 67 Olhares inesperados. A estela antropomórfica neolítica do Algar do Bom Santo (Lisboa) no seu contexto funerário e ritual  
**ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO**
- 77 Trespessando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-História recente do Norte de Portugal  
**MARIA DE JESUS SANCHES, JOANA CASTRO TEIXEIRA, MARIA HELENA BARBOSA, JOÃO ANDRÉ PERPÉTUO**
- 103 O simbólico em Vila Nova de São Pedro: ídolos, estatuetas e simbologia  
**ANDREA MARTINS, MARIANA DINIZ, CÉSAR NEVES, JOSÉ MORAIS ARNAUD**
- 123 Recuperando contextos e interpretações de ídolos nas antigas sociedades camponesas do Centro e Sul de Portugal: o Arquivo Leisner e os arquivos históricos da Arqueologia portuguesa  
**ANA CATARINA SOUSA**
- 149 A propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular (3200-2500 a.n.e.). Um depoimento pessoal  
**VICTOR S. GONÇALVES**
- 171 Os «báculos» das sociedades agropastoris do Sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a. C.)  
**JOÃO LUÍS CARDOSO**

- 201 Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)  
**ANTÓNIO CARLOS VALERA**
- 213 *À sua imagem e semelhança*. De deuses, ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> milénios a.n.e. no Sul de Portugal  
**MARCO ANTÓNIO ANDRADE, CATARINA COSTEIRA, RUI MATALOTO**
- 251 Tributos aos deuses: Os ídolos em contextos funerários da Pré-História recente no Sul de Portugal  
**LEONOR ROCHA**
- 269 Monólogos entre ídolos-placa e pinturas esquemáticas na serra de S. Mamede (Alentejo, Portugal)  
**JORGE OLIVEIRA**
- 287 Ídolos e manifestações do sagrado no 4.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> milénios a.n.e. no território de Alcalar (Algarve, Portugal)  
**RUI PARREIRA, ELENA MORÁN**
- 307 Um legado artístico excepcional. Breve apontamento sobre peças singulares da exposição «Ídolos. Olhares Milenares», Museo Arqueológico de Alicante, Museo Arqueológico Regional de Madrid e Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa  
**PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JORGE A. SOLER DÍAZ**
- 349 «Ídolos. Olhares Milenares». Projeto museográfico temporário nos Jerónimos, no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa  
**ÁNGEL ROCAMORA RUIZ**



# Relatos de imagens solares na Pré-História recente do Ocidente ibérico. Reflexões a partir do projeto científico, expositivo e divulgativo «Ídolos. Olhares Milenares»

PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JORGE A. SOLER DÍAZ

## 1. ÍDOLOS: OLHARES MILENARES

As grandes exposições arqueológicas são uma oportunidade única de resgatar do esquecimento temáticas injustamente afastadas, dimensionando publicamente o valor social de diversas materialidades do passado. Este objetivo presidiu ao trabalho de investigação, documentação, recuperação, conservação e divulgação que, ao longo de quase cinco anos, realizámos com equipas do Museo Arqueológico de Alicante, do Museo Arqueológico Regional de Madrid e do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. A seleção das figurinhas que a investigação peninsular tem vindo a denominar como *Ídolos* (Soler, 2020a, p. 40) responde ao duplo interesse de dispor de uma visão conjunta das primeiras evidências generalizadas de representação de figuras humanas na Pré-História recente da Península Ibérica e de oferecer um conhecimento atualizado de um panorama praticamente inédito no contexto europeu (Insoll, 2017; Scarre, 2017).

Os volumes publicados por ocasião desta exposição oferecem uma abundante informação sobre o seu papel de destaque nos contextos da Pré-História recente portuguesa (Bueno e Soler, 2020a e 2020b). Mas demonstra-se imprescindível uma monografia sobre Portugal para sublinhar a transcendência historiográfica (Andrade et al., Cardoso, Gonçalves, neste volume; Martins, 2013; Oliveira e Sousa, neste volume), as contribuições para os registos megalíticos (Cardoso, Carvalho, Gonçalves, Morán e Parreira, Rocha, Oliveira, Sanches et al., Sousa, neste volume) e as novas linhas de documentação em contextos não funerários (Diniz, Andrade et al., Martins et al., Morán e Parreira, Oliveira, Sanches et al., Valera, neste volume).

O nível de informação que procuramos projetar não teria sido possível sem o apoio determinado de instituições museológicas de toda a Península (29 museus), e de um importante número de colegas (69) que contribuíram para o estado atual de uma investigação que é produto da qualidade e trajetória de numerosas equipas. Ambos os aspetos são fundamentais para transmitir ao público em geral que uma boa divulgação tem de partir necessariamente de uma excelente investigação. As investigadoras e investigadores que colaboraram oferecem uma visão do peso das diferentes escolas teóricas aplicadas à interpretação da Pré-História ibérica recente que passou do historicismo da primeira metade do século XX para o protagonismo da história social da segunda metade do século XX e para o pós-processualismo do século XXI. A exposição dessa diversidade interpretativa revela a riqueza destas perspectivas, que, cada uma em diferentes medidas, somam inegáveis matizes e argumentos de reflexão. O contraste com o estudo destas materialidades no resto da Europa (figurinhas humanas, animais e objetos de diversos tipos) amplia o leque das formas como a investigação as abordou. Partilhamos uma arqueologia romântica instalada no historicismo oitocentista. Esta transforma-se, especialmente a partir da utilização generalizada do  $I_4C$  (Renfrew, 1973), num percurso cada vez mais assente em dados científicos que alteraram e continuam a alterar as interpretações da Pré-História recente da Europa, em geral, e da Ibéria, em particular.

As figurinhas europeias do 6.<sup>o</sup> milénio a. C. reúnem, por um lado, iconografias e fórmulas orientais, um aspeto mais visível em produções balcânicas e carpáticas, conjuntamente com registos de tradição paleolítica (Soffer et al. 2000; Hoffman, Becker, Palaguta, Paglietti, 2020). A partir do Neolítico

FIG. 1

Capas das publicações da exposição no MARQ, Museo Arqueológico de Alicante; MAR, Museo Arqueológico Regional de Madrid e Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. Bueno e Soler, ed. lit. – *Ídolos: Miradas milenarias*. Catálogo, Alicante: MARQ, 2020. 390 p. ISBN 978-84-09-17935-0; Bueno e Soler, ed. lit. – *Ídolos: Miradas milenarias*. Guia catálogo. Madrid: MAR, 2020. 148 p. ISBN 978-84-4561-3863-2. Bueno e Soler – *Ídolos: Olhares milenares*. Guia da Exposição. Lisboa: MNA; IN, 2021. 170 p. ISBN 978-972-776-584-3 e Bueno e Soler, ed. lit. – *Ídolos: Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: MNA; IN, 2021.



médio e, sobretudo, no Neolítico final e Calcolítico, a sua intensidade, extensão, especializações e quantidade de itens, fazem das figurinhas neolíticas e calcolíticas o conjunto mais difundido e utilizado em toda a Pré-História europeia (Becker, Boric, Hansen, Hoffman, Palaguta, Scarre, Sotirakopoulos, Vella, 2020).

Na Ibéria, o estudo das figurinhas foi significativamente relegado pela dificuldade de dispor de leituras conjuntas para além de panoramas singulares (uma só jazida, uma peça destacada), uma tipologia específica (placas, cilindros, etc.), ou uma área geográfica (Alentejo, Andaluzia, etc.). As publicações em espanhol e em português, além dos problemas de datação relacionados com a matéria-prima em que são realizadas a maioria destas figurinhas (xisto, arenito, calcário, mármore...), são outros fatores que influenciaram a sua escassa divulgação internacional.

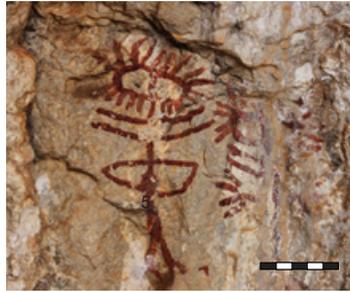
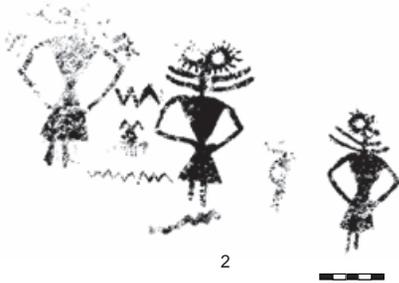
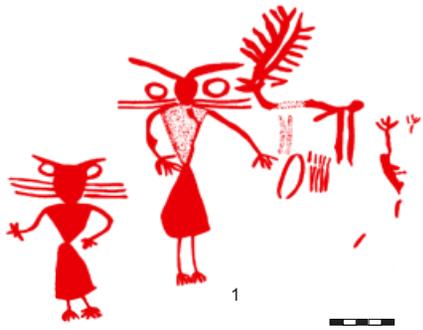
A exposição *Ídolos. Miradas Milenarias/Ídolos. Olhares Milenares* mostra ao público e à investigação o enorme potencial do estudo destas pequenas imagens de corpos humanos que, presumivelmente vestidas com mantos com decorações geométricas, por vezes com capuzes ou adornos na parte superior da cabeça e penteados sofisticados (tranças elaboradas), se exibem geralmente de pé, frente ao espectador. Apresentam diferentes tamanhos que vão de pequenas peças utilizadas como pendentes pessoais a figuras associadas a algum outro material ou expostas como pequenas estelas sobre altares ou em recintos circunscritos. As pequenas figurinhas que nos ocupam revelam também o valor dos elementos externos para informar sobre o estatuto, proveniência, género, idade e trajetórias sociais, para além de crenças, relatos funerários e quotidianos (Bayley, 2005; Bueno, 2020a; Fowler, 2004; Gero e Conkey, 1991; Knapp e Van Dommelen, 2008 entre outros).

A sua anatomia expressa-se com formas abstratas que partem da conceptualização das pedras como corpos humanos, numa simbiose entre seres humanos e natureza que constitui um dos parâmetros mais reveladores do megalitismo (Bueno et al., 2008a, 2015a, 2017a; Calado, 2002; Scarre, 2009). A parte superior do corpo é deduzida da posição das peças, bem como a partir da representação de arcos supraciliares vincados e linhas onduladas sob olhos que, ocasionalmente, se pormenorizam como pares de sóis. Existem diferentes versões em que no rosto não costuma aparecer a boca, sendo mais abstratas as que apresentam arcos supraciliares e nariz combinados numa única forma em T (por vezes em relevo), e mais barrocas, as que situam os olhos de sol como a imagem mais impressionante de rostos que se completam com «tatuagens». Ambas as versões coexistem na Ibéria tanto nas figurinhas móveis como em versões sobre cerâmica ou suportes parietais, assegurando a compacidade e extensão destas fórmulas humanas codificadas, com especial concentração no Sudoeste ibérico e conexões no Atlântico e no Sul da Europa.

Ocasionalmente, os «ídolos» apresentam braços e mãos apoiados em triângulos púbicos de raízes profundas nas figurinhas femininas paleolíticas. Formas maiores destas figuras assinalam-se como suportes nos megálitos ou em peças ao ar livre, confirmando as relações entre figurações humanas com papéis diferenciados no conjunto das expressões megalíticas (Bueno et al., 2005, 2007, 2016b; Cerrillo et al., 2019), como sucede noutros ambientes europeus.

Na Ibéria existe um rico acervo de imagens humanas nas representações rupestres — único na Europa nessa quantidade, variedade e diacronia — que contribui com algumas das explicações para compreender o papel das figurinhas móveis (Bueno e Soler, no prelo). A pintura esquemática pormenoriza as figuras humanas como corpos completos com pernas e pés, incluindo vestuário, pormenores sexuais e de tamanho das representações que estimulam a hipótese da representação de diferentes géneros e idades nas peças móveis (Barciela, 2020; Bueno et al., 2018; Bueno, 2020b; Soler, 2020b).

A decoração pintada dos suportes parietais ibéricos (ar livre e megálitos) oferece o «silabário» para interpretar as peças móveis que nos ocupam. As narrativas dos abrigos pintados descrevem eventos de agregação social que se expressam através de danças (nas quais podemos deduzir o papel da música), exposição de linhagens (Martinez, 2002) e alusões à caça, que provavelmente evocam os antepassados. Presididas pelo Sol, estas cenas são dispostas em abrigos e grutas de orientação preferencial para leste ou leste e sudeste, como os próprios megálitos (Bueno et al., 2015b, 2016b; Soler e Ferrer, 2020, entre outros). Sóis que protagonizam a imagem que está no centro destas cenas, figuras de braços levantados para o céu onde aparece o Sol, ou rostos com olhos de sol e tatuagens que «saem» das pedras (Bueno et al., 2009) constituem a base do aparelho ideológico onde as figuras humanas disfarçadas de Sol ocupam posições hierarquizadas, como se pormenoriza nalguns painéis rupestres. As grandes máscaras exibidas nalguns antropomórficos, por vezes em atitude de dança ou movimento como nos abrigos dos Oculados de Henarejos, Cuenca, e Los Órganos, Jaén, relacionáveis com bitriangulares, ramiformes e indivíduos em T, constituem uma evidência única para compreender que parte dos olhos de sol poderiam ser máscaras realizadas em materiais orgânicos. Tal não descarta a utilização de pinturas ou de tatuagens que reproduziam de modo mais abstrato e singularizado as mesmas imagens que vemos completas nos abrigos (Oliveira, Sanches et al., neste volume).



O estudo da decoração parietal e móvel do sepulcro de Montelirio, Sevilha, concretiza algumas destas hipóteses graças ao nível de conservação dos contextos. Nas paredes, as imagens de oculados são dispostas próximas, por pares, repetindo as associações que assinalámos mais acima nas pinturas dos abrigos. Os olhos de sol enquadram-se em decorações geométricas que chegam até à base dos esteios, reiterando o vestuário dos suportes megalíticos desde as suas mais antigas representações, razoavelmente identificável com o que exibem as placas decoradas e outras imagens de figurinhas móveis. Uma estela em barro com olhos de sol, pintada de branco, preto e vermelho, ocupa um lugar central ao qual chegaria o sol, visto que o monumento está orientado para leste. Aos seus pés, diversas oferendas sobre uma «toalha» colorida a vermelho de cinábrio, incluem objetos de proveniências forâneas. As mulheres enterradas, mais de 20, exibiam mantos até aos pés com bordados de contas organizados horizontal e verticalmente, como os das figurinhas. Terão elas morrido envenenadas pelo cinábrio, talvez por terem tatuagens feitas com essa substância? Embora as particularidades destes envenenamentos com cinábrio possam ser mais complexas, não restam dúvidas de que o monumento de Montelirio, realizado e ocupado durante a primeira metade do 3.º milénio cal BC, oferece uma imagem do nível de complexidade dos rituais funerários herdados dos primeiros construtores de megálitos (Bayliss et al., 2016; Bueno et al., 2016b, 2019a, 2019b).

Os relatos partilhados em cenários naturais com possibilidades de audiência são sintetizados nas figuras móveis, que adotam ocasionalmente disfarces solares para se situarem na posição de destaque que lhes concedem as narrativas orais dos suportes ao ar livre. Da natureza aos contextos funerários, do coletivo ao individual (familiar ou de linhagem), as figurinhas reúnem biografias ancestrais, absorvendo múltiplos significados que podem ser seguidos ao longo da diacronia dos megálitos e de todos os seus contextos contemporâneos.

Os *Ídolos* são modelos em fórmulas codificadas que recolhem, por um lado, as imagens reconhecíveis na arte esquemática: cruciformes, ancoriformes, bi e tritriangulares, e, por outro, a forma dos próprios suportes megalíticos, alongados e com volume, como os bétilos e cilindros em todas as suas versões, reproduzindo formas clássicas de menires; ou planos, como as placas, tal como esteios decorados e estelas, além de um importante conjunto de objetos: bolotas, bainhas de possíveis punhais cerimoniais, sandálias, polidores, caixinhas decoradas, machados encabados, foices e, com muito destaque, báculos decorados. Figuras humanas, zoomórficas e objetos reiteram os elementos representados em instalações do resto da Europa com a mesma cronologia.

A relação entre alguns dos objetos decorados do 4.º e 3.º milénios cal BC e as figurinhas consolida a hipótese de longas trajetórias nas quais colares, machados encabados e báculos se associam às primeiras imagens em pedra do megalitismo ocidental — os menires. A sua perduração na memória coletiva como itens relacionados com a representação dos antepassados (*versus* representação de poder social sustentado na ancestralidade) até praticamente à Idade do Bronze dispõe de cronologias cada vez mais estabelecidas na Ibéria. Situar em 2200 cal BC as últimas figurinhas da Península Ibérica propõe um ponto de inflexão que as investigações futuras terão de certificar plenamente. Alguns dados anunciam persistências mais amplas. É o caso da estatuária mediterrânica da Idade do Bronze, por vezes fixada a partir de modelos de figurinhas (Sotirakopoulou, 2020; Vella, 2020), ou da ibérica, na qual os modelos das figurinhas são identificáveis em algumas das suas tipologias (Barroso, 2020; Barroso et al., 2021; Bueno, 2010, 2020a; Bueno et al., 2005, 2007).

## FIG. 2

Antropomorfos rupestres com máscaras: 1. Los Órganos, Santa Elena (Jaén): calco (González Navarrete, 1966; Lám. 4) e imagem digital de C. Moreno tratada com *DStretch program* (Martínez e López, 2020, fig. 5); 2. Arroyo Hellín, Chiclana de Segura (Jaén), calco (Soria, Lopez e Zorrilla, 2001, fig. 21); 4. Abrigo l Cabeçó d'Or, Rellou (Alicante) (Soler, Barciela e Ferrer, 2018, fig. 18); 9. Abrigo 11 de Regato das Bouças, Mirandela (Bragança) (Sanchez, Morais e Teixeira, 2016). Foto M. Sanchez; 11. Abrigo de los Oculados, Henarejos (Cuenca). Calco (Ruiz, 2006, fig. 3) e imagem de F. J. Ruiz. Rostos rupestres: 7. Cueva de la Diosa Madre, Segura de la Sierra (Jaén) (González Navarrete, 1967, lám. 8). Foto M. Soria; 10. Peña Escrita, Tárben (Alicante) (Soler e Barciela, 2018, fig. 15). Antropomorfos móveis (todos na mesma escala) sobre lâmina em osso; 3. Tritriangulares. Cova d'En Pardo, Planes (Alicante) e 5-6. Ancoriformes: Cova de la Barcel·la (5), Torremanzanas (Alicante) e Cueva de los Blanquízares de Lébor (6), Totana (Murcia). 8. Cilindro pétreo com rosto. Moncaparacho, Olhão (Faro). Imagens publicadas (Bueno e Soler, ed. lit., 2020a e b) de peças depositadas no Museo Arqueológico de Alcoy (4), no Museo Arqueológico de Alicante – MARQ (5), no Museo de Almería (6) e no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (8).

**FIG. 3**  
Ídolo cilindro oculado. Calcário.  
Cabezo de El Conquero (Huelva).  
Museo de Huelva. Foto © Salvador  
Delgado Aguilar.



No seu conjunto, as figurinhas ibéricas demonstram uma variedade única em suportes e formas, além de um código específico que as singulariza relativamente ao resto dos casos europeus. Este revela o protagonismo de imagens humanas revestidas do poder do Sol, que ilumina os campos e os corpos e pedras dos antepassados, dando vida e sustentando a reprodução económica e social daqueles que protagonizaram os primeiros latejos da produção e da metalurgia. Emocionarmo-nos com elas faz parte do reconhecimento das longínquas raízes da nossa própria cultura, que partilha símbolos e modos de os expressar com este acervo de um passado ancestral em todo o território ibérico.

As figurinhas de tamanhos e formas diversas não nos deixaram indiferentes no passado, nem nos deixam indiferentes no presente, aproximando-nos dos códigos visuais com que estes grupos se quiseram fazer ver ao longo de gerações.

## 2. TEMPOS E SÍTIOS NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO SUDOESTE IBÉRICO: CONTEXTOS DOS ÍDOLOS

As paisagens do Neolítico e Calcolítico peninsulares caracterizam-se por partilhar marcadores gráficos em arquiteturas naturais e em arquiteturas artificiais. Afloramentos visíveis e grutas naturais inspiraram o levantamento artificial de pedras, para serem dispostas ao ar livre ou em estruturas funerárias fechadas que albergavam os restos dos antepassados. As superfícies de algumas pedras receberam pinturas e gravuras que fixaram relatos visíveis, geração após geração, sendo o Ocidente peninsular um dos exemplos mais ricos destes suportes: menires, estelas e rochas ao ar livre.

Uma ideia generalizada de que o «atlantismo» da Pré-História recente ocidental a associava às gravuras relegou a investigação sobre a arte esquemática pintada, cuja melhor plataforma foi e continua a ser o importante conjunto de megálitos decorados em que se começou a intervir desde os inícios do século XX. Os esforços de documentação que têm vindo a ser realizados desde a década de 1990 (Alves e Comendador, 2017; Figueiredo e Baptista, 2013; Bettancourt e Abad, 2014, entre outros) levaram a importantes descobertas, entre as quais se deve destacar o abrigo das Oculadas (Sanches, 2016; Sanches et al., neste volume). Os construtores de megálitos do Norte da Península tiveram uma participação ativa na realização de símbolos tradicionalmente relacionados com o Sul da Península (Bueno e Balbín, 1992; Bueno et al., 2010a, 2012, 2013a, 2016a, e no prelo; Fábregas et al., 2020; Rodríguez Rellán et al., 2019 entre outros).

**FIG. 32**

172. Ponta de seta/Sílex/  
3300-2500 a. C./Anta Grande  
do Olival da Pega, Reguengos  
de Monsaraz (Évora)/Museu  
Nacional de Arqueologia  
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/  
José Paulo Ruas.

173. Ponta de seta/  
Sílex/3300-2500 a. C./Anta  
Grande do Olival da Pega,  
Reguengos de Monsaraz  
(Évora)/Museu Nacional de  
Arqueologia (Lisboa) /  
Foto © DGPC/ADF/José Paulo  
Ruas.

174. Lâmina/Sílex/  
3300-2500 a. C./Anta Grande  
do Olival da Pega, Reguengos  
de Monsaraz (Évora)/Museu  
Nacional de Arqueologia  
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/  
José Paulo Ruas.

175. Pendente triangular/  
Xisto/3300-2500 a. C./Anta  
Grande do Olival da Pega,  
Reguengos de Monsaraz  
(Évora)/Museu Nacional de  
Arqueologia (Lisboa)/  
Foto © DGPC/ADF/José Paulo  
Ruas.

176. Contas de colar/  
Quartzo/3300-2500 a. C./  
Anta Grande do Olival da Pega,  
Reguengos de Monsaraz  
(Évora)/Museu Nacional de  
Arqueologia (Lisboa)/  
Foto © DGPC/ADF/José Paulo  
Ruas.

177. Vaso/Cerâmica/  
3300-2500 a. C./Anta Grande  
do Olival da Pega, Reguengos  
de Monsaraz (Évora)/Museu  
Nacional de Arqueologia  
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/  
José Paulo Ruas.

178. Vaso/Cerâmica/  
3300-2500 a. C./Anta Grande  
do Olival da Pega, Reguengos  
de Monsaraz (Évora)/Museu  
Nacional de Arqueologia  
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/  
José Paulo Ruas.

179. Vaso/Cerâmica/  
3300-2500 a. C./Anta Grande  
do Olival da Pega, Reguengos  
de Monsaraz (Évora)/Museu  
Nacional de Arqueologia  
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/  
José Paulo Ruas.



ISBN 978-972-27-2941-3



9 789722 729413



PARCEIRO EDITORIAL:



MECENAS INSTITUCIONAL:



APOIOS:

